

INDO ÀS RUAS PARA EDUCAR: EXTENSÃO, EDUCADORES SOCIAIS E UNIVERSIDADE

GOING TO THE STREETS TO EDUCATE: EXTENSION, SOCIAL EDUCATORS AND UNIVERSITY

Filipi José da Silva¹

<https://orcid.org/0000-0001-9086-5566>

Alan Navarro Fernandes²

<https://orcid.org/0000-0002-6370-9821>

Débora Simeão Ortman Pereira³

<https://orcid.org/0000-0002-4168-9233>

Arthur Vianna Ferreira⁴

<https://orcid.org/0000-0002-5297-1883>

Resumo:

Este artigo tem como objetivo notar a importância da Extensão Universitária às comunidades em situação de vulnerabilidade social no Leste Fluminense. Desse modo, o presente material constitui-se na articulação entre uma discussão teórica sobre Pedagogia Social e um relato de experiência, utilizando como exemplo os educadores sociais da Missão Católica Discípulos de Assis – projeto religioso socioeducativo que articulava ações em diversos setores institucionais – e seu trabalho com a população em situação de rua do município de Niterói, no Rio de Janeiro. A metodologia usada para a observação de campo baseia-se numa releitura da fenomenologia do filósofo Edmund Husserl (1975), a qual possibilita a descrição do objeto de pesquisa em três componentes de análise, a saber: noema, noese e variação eidética. A partir dos dados, busca-se uma breve articulação dos conceitos da Pedagogia da Hospitalidade, de Isabel Baptista (2005; 2008), com os elementos observados ao longo da experiência dos educadores sociais de diversos campos do conhecimento que realizam práticas de educação social no referido projeto, possibilitando, assim, um diálogo a respeito das práticas socioeducativas que se desenvolveram a partir dos conceitos de

¹ Graduado em Letras – Port./Lit. pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ), São Gonçalo, Rio de Janeiro, Brasil.

² Mestrando em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ), São Gonçalo, Rio de Janeiro, Brasil.

³ Graduanda em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ), São Gonçalo, Rio de Janeiro, Brasil.

⁴ Professor Efetivo do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ), São Gonçalo, Rio de Janeiro, Brasil.

hospitalidade, convivência, diálogo e solidariedade estabelecidos entre os educadores e os educandos em situação de vulnerabilidade social.

Palavras-chave: extensão universitária; práticas socioeducativas; pedagogia social; hospitalidade; população em situação de rua.

Abstract:

This article shows the importance of University Extension to communities at situations of social vulnerability in East Fluminense. This material constitutes the articulation between a theoretical discussion of Social Pedagogy and an experience report, using as an example the social educators of the Catholic Mission Disciples of Assis – socio-educational religious project that articulates actions in various institutional sectors – and their work with the homeless population at Niterói’s city, in Rio de Janeiro, Brazil. The methodology used was the observation based on the phenomenology from Edmund Husserl (1975), which helps to organization this research object in three components of analysis: noema, noesis and eidetic variation. As a result, we get a brief articulation of the concepts of Hospitality Pedagogy, by Isabel Baptista (2005; 2008), with the elements observed throughout the experience of social educators from different fields of knowledge who created social education practices in the referred project, thus allowing a dialogue about the socio-educational practices that were developed with the concepts of hospitality, coexistence, dialogue and solidarity established between educators and students in situations of social vulnerability.

Keywords: University Extension; Socio-educational Practices; Social Pedagogy; Hospitality; Homeless Population.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é fruto de uma pesquisa, realizada por meio de uma atividade extensionista, de membros do Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão Fora da Sala de Aula (GEPE Fora da Sala de Aula), da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ). O Grupo oferece, sistematicamente, formação inicial e continuada aos educadores sociais e à comunidade de São Gonçalo através dos cursos de extensão presenciais nas dependências da FFP/UERJ e a distância através das diversas plataformas digitais. Na dimensão do ensino, promove a discussão, o debate e o aprofundamento dos resultados obtidos nesses cursos de extensão através das disciplinas obrigatórias de Didática e Psicologia da Educação, além da disciplina eletiva de Educação em Espaços Não-Escolares, aos alunos que se encontram em formação docente inicial nos cursos de licenciatura da referida universidade.

A Missão Discípulos de Assis teve seu início no dia 12 de outubro de 2015, fundada por uma fiel católica, professora e universitária, Lara Cristina, com o intuito de viver a radicalidade do Evangelho por meio dos passos de São Francisco de Assis. De início, ela não recebeu o termo “católica” ao seu nome oficial, mas, à medida que ia se estruturando, a idealizadora, junto ao diretor espiritual, julgou por bem cunhar o termo como marca identitária. Ligada à Arquidiocese de Niterói, viria a ser considerada uma pastoral social. Assim, inspirada no modelo de discipulado do Cristo, a princípio se idealizava – e, de fato, se tinha – 12 voluntários para compor a Missão, os quais eram fiéis católicos universitários de diversas paróquias administradas pela Arquidiocese. No entanto, a seriedade do trabalho e o compromisso com a doutrina cristã e com os pobres

alcançou diversas pessoas católicas e não católicas, o que concedeu um novo caráter ao grupo no que diz respeito ao perfil dos agentes, tornando-se ecumênico, embora a doutrina continuasse sendo católica.

Sendo a Missão Católica Discípulos de Assis uma organização sem fins lucrativos, ela se manteve da “providência”, ou seja, de doações de benfeitores que colaboravam com a causa. As contribuições eram feitas mensal e semanalmente em dinheiro, em pães, mortadelas, sucos etc., o que permitia que cada um contribuísse da forma que pudesse. Nem todos os colaboradores eram fixos, o que, às vezes, deixava os missionários em situações difíceis de conseguir alimentos. Esses lanches eram entregues como porta de entrada durante as visitas dos agentes às ruas, que aconteciam aos sábados ou domingos, a partir das 18h, revezando de acordo com a disponibilidade dos agentes. As visitas eram feitas neste horário devido à facilidade de encontrá-los nas calçadas descansando do dia.

O ponto de encontro era o Terminal Rodoviário João Goulart, que é situado no centro da cidade, sendo de fácil acesso aos que moravam ou vinham das cidades circunvizinhas e precisavam usar os transportes coletivos. No momento da pesquisa, o número de voluntários havia reduzido significativamente, contando com apenas quatro integrantes, sendo eles acadêmicos de Serviço Social e Licenciaturas. Ao se encontrarem, faziam as orações iniciais e iam pelas ruas da cidade em direção aos “irmãos de rua”, como eles se dirigiam às pessoas em situação de rua. Além do alimento levado pelos agentes, eles sempre buscavam oferecer algo imaterial, sentando-se com eles nas calçadas, conversando, abraçando, propondo soluções conjuntas para as demandas apresentadas pelos assistidos.

METODOLOGIA

Como fundamentação para a análise do campo, utilizamos a fenomenologia de Husserl (1975) refletida por Depraz (2011) e que já vem sendo trabalhada pelo Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão Fora da Sala de Aula em seus últimos trabalhos. Segundo Ferreira (2015), os diários de campo são categorizados com base na estrutura do método fenomenológico de Husserl. Assim, noema, noese e variação eidética constituem o diário de campo. O noema refere-se à parte mais objetiva do relato analisado; é a descrição do fenômeno a partir de uma percepção que almeja a imparcialidade. A noese, seria a parte subjetiva; é aqui que o sujeito pode escrever suas lembranças, sentimentos e percepções do fenômeno, ou seja, como esse sujeito, o analisador, reagiu ao objeto. A variação eidética ou redução eidética é a forma de relatar o fenômeno a partir da visão e dos sentimentos dos outros que fazem parte da ação. O relato é feito a partir do que o outro demonstra mediante ao fenômeno (cf. FERREIRA, 2015, p. 8).

Dessa forma, propõe-se como perspectiva de análise a Pedagogia da Hospitalidade, de Isabel Baptista (2005), para melhor relatar as visitas a campo. A escolha por tal Pedagogia não se dá por julgarmos ser a única viável a colaborar, mas por corresponder ao nosso intuito de compreender as práticas socioeducativas da Missão, por meio da ótica da Hospitalidade, discutida pela autora portuguesa. Desse modo, almeja-se um olhar pedagógico que está preocupado, dentre outras finalidades, em notar como os sujeitos são atravessados no processo formativo não-formal. Em nossa análise, essa competência alude a princípios estimáveis para as práticas de Extensão Universitária. A partir da Pedagogia da Hospitalidade, buscaremos enfatizar a importância da

convivência, da partilha, da cooperação e dos lugares como possibilitadores de hospitalidade, equidade e alteridade nos processos socioeducacionais.

A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NO BRASIL E SUA FUNÇÃO SOCIAL

Em linhas gerais, trabalha-se com a ideia de que a Extensão, conjuntamente com o Ensino e a Pesquisa, compõe um tripé universitário. Sem essa tríade não há Universidade ou, ao menos, não em sua potencialidade plena (SANTOS, 2004). Com efeito, não há Extensão sem Pesquisa, assim como não há Extensão sem Ensino e não deve haver Ensino e Pesquisa sem Extensão. Essas considerações são apontadas tanto no campo teórico quanto no âmbito legal, dado que a composição dessa trindade é proposta na legislação brasileira em documentos como a Lei de Diretrizes e Bases (1996) e a Resolução Curricular Nacional (2015) tal como exposto por Ferreira (2019).

As práticas extensionistas estão presentes nos espaços universitários e se constituem em práticas didáticas, não somente relevantes, mas também obrigatórias na formação docente do país. Os artigos 44º e 53º da LDB, de 1996 colocam bem essa realidade. A educação superior deverá conter nos seus currículos e programas a extensão com a finalidade de atender os alunos naquilo que é específico do seu próprio programa educativo. (FERREIRA, 2019, p. 35).

Ao realizarmos um balanço histórico, podemos notar que a Extensão Universitária é um elemento recente na história das universidades brasileiras. A ideia de extensão passa a ser maturada no início do século XX. Em 1931, durante o governo de Getúlio Vargas, é promulgado o Estatuto das Universidades Brasileiras e a oficialização da extensão reconhecida pelo Estado. Esse foi o primeiro momento na história do Brasil em que a extensão universitária foi organizada formalmente. No entanto, foi posteriormente, nas décadas de 1980 e 1990, que ela ganhou notoriedade e passou a ser mencionada na Constituição Federal de 1988, possuindo também, no mesmo período, uma política nacional de extensão.

A Extensão tem como uma de suas atribuições a de promover uma mediação entre o saber popular e o saber universitário através das práticas extensionistas. Segundo Sousa,

a extensão universitária surge como instrumento a ser utilizado pela universidade para a efetivação do seu compromisso social e também como articuladora de suas relações. Ela vai receber e efetivar este compromisso, principalmente com as camadas carentes (SOUSA, 2010, p. 120).

É pertinente considerar que a universidade – em seu corpo docente, técnico e discente – deve agir de modo extensionista, o que representa a manifestação da sua função social como compromisso ético-educacional. Luiz Síveres dialoga sobre a pauta ao ponderar que

a universidade, como uma entidade do complexo sistema social, pela própria razão de ser, precisa assumir uma maneira de dialogar e, num primeiro movimento, é toda a organização que se coloca numa atitude dialogante, e tal esforço não se realiza de forma unidirecional, mas de maneira pluridirecional, compreendendo a instituição como uma energia propositiva na realidade multidimensional da sociedade. Nessa dinâmica, o diálogo dos sujeitos acadêmicos, com a diversidade de informações, de conhecimentos e de saberes, potencializa o projeto pedagógico institucional (SÍVERES, 2013, p. 24).

Assim sendo, buscam-se meios, através de ações e reflexões, para que seja possível materializar a teoria em prática. Desse modo, este trabalho lança mão de metodologias que partem desses pressupostos e creem alcançar uma pedagogia social que nos auxilie, enquanto docentes em formação continuada, ao melhor trato com os sujeitos em situação de rua. É importante, para tanto, compreender nosso papel e atuação. Destaca-se como uma das óticas viáveis a Pedagogia da Hospitalidade de Isabel Baptista (2005).

PEDAGOGIA DA HOSPITALIDADE: UMA REFLEXÃO SOBRE UMA PRÁTICA SOCIOEDUCATIVA NO LESTE FLUMINENSE

Quando falamos de uma Pedagogia da Hospitalidade, não tratamos de uma pedagogia estritamente hospitaleira, a qual, segundo o senso comum, pode nos trazer a ideia de hospedar. Não é disso exatamente que se trata a abordagem. Pode-se considerar que a Pedagogia da Hospitalidade, de Isabel Baptista (2005), constitui-se de uma série de ações associadas aos aspectos da prática educacional às quais possuem relação direta com algumas qualidades de caráter. Essas virtudes carregam, como seus pressupostos, as ideias de respeito, solidariedade, equidade, autonomia, dentre outras – ideias estas que permeiam as premissas da Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948) que, de acordo com Baptista, revela a grandeza de um compromisso precioso em torno de valores que reconhecem o direito à vida, o direito à liberdade e à dignidade como direitos fundamentais (2005, p. 41).

Baptista (2005) irá propor a Pedagogia da Hospitalidade como um meio através do qual o educador poderá desenvolver ações, preservando a autonomia do educando. Segundo a autora, a hospitalidade tem como premissa o acolhimento. Para tal, faz-se substancial refletir acerca da postura ética do educador social para com aquele que sua prática procura alcançar. Uma vez que somos seres ímpares que compõem uma sociedade heterogênea, quais movimentos precisarão ser realizados para ir ao encontro deste educando que, em contrapartida, faz o mesmo movimento de ir ao encontro do docente?

Sendo o acolhimento um dos princípios fundamentais para uma prática de Hospitalidade, segundo Baptista, um dos pontos que moldam a forma como o docente irá desenvolver esse acolhimento está totalmente associada à compreensão que ele constrói sobre a alteridade. Dessa forma, tão importante quanto a forma como equacionamos a relação com o outro, é também a concepção que temos sobre o outro e sobre suas diferenças.

A forma que equacionamos a relação com os outros depende muito da concepção de “outro” que tivermos em referência. O outro é uma ameaça, um inimigo em potencial, alguém que simplesmente toleramos, ou pelo contrário, é alguém que só por efeito da sua entrada na esfera da nossa mesmidade, representa uma mais-valia, uma ocasião de enriquecimento pessoal? (BAPTISTA, 2005, p. 45).

A crença positiva sobre a alteridade concede novas possibilidades sobre as concepções que vamos ter sobre as diferenças que permeiam o outro. Uma Hospitalidade autêntica e genuína só é possível mediante o rompimento de ideais individualistas e excludentes, que não somente estigmatizam essas diferenças, mas as enxergam como obstáculos pedagógicos. Dessa forma, a Pedagogia da Hospitalidade nos convida a colocar a alteridade na centralidade desse convívio, onde, através da indissociabilidade do “eu” com o “outro”, haja uma potencialização dos indivíduos através de ambas as coexistências (PEREIRA; LOPES, 2020, p. 74).

Ademais, Baptista (2008) nos faz refletir a respeito de um lugar, físico ou metafísico, possibilitador de convivência, de acolhimento e de relações interpessoais hospitaleiras. Esses lugares antropológicos, como designou Marc Augé (1994, apud BAPTISTA, 2005, p. 73), são os que têm em seu caráter identitário o diálogo, a bondade, a partilha, o respeito, a alteridade e afins. Desse modo, para entender a hospitalidade como base das práticas socioeducativas, é necessário compreender que esses lugares são abertos ao diferente e ao novo e como as pessoas se relacionam entre si nesses lugares e com esses lugares, cuidando deles e usufruindo como ponte de construção relacional:

[...] a verdadeira riqueza, ou identidade, dos lugares não está nas suas potencialidades materiais, mas sim na forma como são apropriados, percebidos, desfrutados, amados, e, sobretudo, partilhados. Na relação de partilha, as coisas do mundo transformam-se em conteúdos de interação e, dessa maneira, deixam de ser simplesmente coisas. Passando a beneficiar de luz antropológica, as coisas adquirem valor e sentido. E é por isso que, “dando, trocando e retribuindo” coisas, as pessoas vão alimentando uma cadeia relacional que transcende a simples circulação ou permuta de bens, como notou Marcel Mauss (1999) (BAPTISTA, 2005, p. 6-7).

A ação hospitaleira deve ser gratuita, partindo de uma disponibilidade genuína dos que estão envolvidos nas relações interpessoais. Urge, portanto, um compromisso efetivo para a prática dessa dádiva, sendo indispensável o desejo de ambos se relacionarem a partir de uma lógica de hospitalidade recíproca, ou seja, não basta apenas um desejar acolher o outro de modo hospitaleiro, mas cabe aos envolvidos no processo esse desejo e prática.

Além do exposto, Baptista sugere que somos atravessados em todas as relações sociais; ou seja, o outro sempre irá deixar uma marca em nós e nós nele. Nessa reflexão, ao ensaiar sobre a Filosofia da Alteridade, de Emmanuel Lévinas (1980), Luiz Síveres e Paulo Giovanni Rodrigues de Melo (2012) apresentam com eficiência essa concepção pedagógica:

Falar de uma pedagogia da hospitalidade significa abrir a morada, favorecendo ao Outro um lugar de cortesia, de responsabilidade e bondade. Esse espaço não se faz apenas com palavras afáveis, mas através de gestos concretos que convidam o Outro a uma vivência do acolhimento, do descanso, refúgio, alimento, ajuda ou conforto. Por isso, para uma experiência de hospitalidade, é preciso abertura, característica fundamental para uma verdadeira pedagogia da hospitalidade, permitindo que o Outro crie vínculos e opte por ficar numa relação ética. Esse vínculo é favorecido quando se autoriza a entrada do Outro no espaço próprio sem reservas ou desconfianças, ajudando-o a se sentir seguro, algo que somente ocorre quando se sente acolhido na casa, na vida e na história. (SÍVERES & MELO, 2012, p. 35).

Essas relações interpessoais entre educador-educando, educando-educando, educador-educador se dão numa lógica de convivência, mas não vazia, apenas por obrigação devido às circunstâncias, mas sim comprometida com a relação, com o desenvolvimento, sendo socialmente responsável. Desse modo, Baptista (2005) afirma que essa responsabilidade precisa ter um caráter de cidadania ativa, pretendendo uma convivência com partilha, diálogo e ajuda mútua. Diante dessa relação, haverá conflitos, uma vez que discordâncias são inerentes aos seres humanos, mas a autora entende que eles são necessários para se estabelecer relações para o desenvolvimento.

De modo intrínseco, pensar na condição do “outro” está diretamente ligado a pensar na condição do “eu” enquanto um sujeito que necessita ser formado para a atuação com o “outro”.

Nesse ponto, Baptista nos auxilia de modo significativo em sua reflexão. Para tanto, a autora aponta que “a descoberta do outro, condição necessária para a descoberta de si mesmo, deve ser marcada pela consciência da interdependência e pelo sentido de proximidade que suportam a verdadeira cultura de paz” (BAPTISTA, 2005, p. 47). Ter essa consciência de si é um item deveras importante, pois é dessa experiência de autoconhecimento que notamos como somos atravessados nas relações sociais, como ocorreu nos estudos e nos relatos de experiências aqui citados.

Além disso, estar decidido a conhecer a história do “outro”, suas preferências, suas demandas e tudo o que ele nos permitir é um meio de se (re)conhecer. Há encontros e reencontros de si e com os outros, nas relações interpessoais comprometidas com a equidade. Nesse sentido, a cultura de paz se ampara nessa “consciência de interdependência” e “sentido de proximidade”, a qual se constrói não como solução para os conflitos, mas como resposta às injustiças sociais, usando do conflito como um meio de desenvolvimento.

Se compreendermos, portanto, as demandas do outro, ou até mesmo possíveis caminhos para ir ao encontro dele, a educabilidade ou a educação para autonomia podem se tornar executáveis. Se torna fundamental, portanto, que busquemos ferramentas para que essas demandas sejam, senão solucionadas, encaminhadas. Para tanto, faz parte da ação do educador o acolhimento do outro de acordo com suas demandas. Sejam as dificuldades de aprender o conteúdo, interagir, se locomover até o centro educacional ou as necessidades de se sentir incluído, de conversar, de ajudar em alguma tarefa, de comer etc. Assim, imaginando a pluralidade de situações possíveis, é crucial o conhecimento do contexto dos lugares e dos indivíduos envolvidos na prática (socio)educativa antes de qualquer outro movimento, prezando pelo respeito à história dos indivíduos e à história dos lugares.

UM REFLEXÃO DA PRÁTICA ATRAVÉS DA ÓTICA DA PEDAGOGIA DA HOSPITALIDADE

Esta parte do artigo se dedica a entender os relatos das experiências socioeducativas do grupo de educadores sociais específicos que trabalham com a população em situação de rua de Niterói a partir dos elementos do conceito de Hospitalidade, de Isabel Baptista. A Missão Católica Discípulos de Assis sempre estava disposta a ir às ruas ao encontro dos que estavam à margem, como reflexo de uma prática fundamentada em uma alteridade genuína. Afirmações como “as calçadas são altares”, “do altar de Deus ao altar dos pobres”, “vivo para Jesus nos pobres” revelavam o compromisso social que os missionários tinham com os assistidos. Embora fossem motivados por inspirações evangélicas e pela Doutrina Social da Igreja, era reconhecível que as ações dos voluntários iam além do exercício de caridade: havia um compromisso com a emancipação dos que estavam nas calçadas tendo por base a convivência, a cumplicidade, o afeto, a confiança e o diálogo.

Como o grupo não tinha uma sede e a maioria dos membros não residiam em Niterói, eles sempre se encontravam no Terminal Rodoviário João Goulart, como já dito, e faziam a oração inicial de entrega antes de saírem em missão. A partir daí, saíam pelas ruas do Centro da cidade com carrinhos de feira com sanduíche de mortadela e pães com margarina para os que não podiam comer mortadela, garrafas de água, suco, café, chocolate quente, cappuccino, sempre buscando levar o melhor aos que sentiam fome. Além disso, o afeto era presente em cada parada que os

missionários faziam. Sempre com o olhar atento às calçadas, iam até os assistidos, conversavam, sentavam-se no chão e comiam juntos com os assistidos, enquanto conversavam.

As nossas visitas foram feitas no ano de 2018, começando no dia 08 de agosto e indo até o dia 23 de dezembro. No entanto, há uma grande fragmentação dos relatos, porque a missão já se encontrava com poucos membros, ocasionando inassiduidade nas ações. Além disso, o presente relato conta com cinco de seis campos. Para tal, utilizaremos o noese, que possibilita uma descrição mais parcial, mais subjetiva do observador. Assim, iremos utilizá-lo a fim de que possamos relatar nossa experiência com a Missão Católica Discípulos de Assis e suas práticas socioeducativas para a população itinerante de Niterói à luz dos conceitos de convivência, cidadania ativa e alteridade de Baptista (2005; 2008).

Na primeira visita ao trabalho do grupo, havia apenas três agentes da Missão e um visitante, os quais saíram do Terminal Rodoviário João Goulart em direção à Cantareira. No trajeto, os agentes encontram um assistido, que eles conheciam há muito tempo. Naquele momento, percebemos o quanto os voluntários valorizavam a história de cada um que eles encontravam em seus trabalhos. Isso ficava evidente na conversa que eles tiveram com o assistido, buscando saber como ele estava, uma vez que era um jovem, e que há alguns anos tinha uma relação conturbada com a mãe por causa da dependência química, sendo partilhada com eles na época. Nesse diálogo, o jovem revelou que havia voltado para casa e que naquele momento tinha acabado de fazer o Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (ENCCEJA). Esse compromisso com a vida do outro, de saber como se está, o que tem feito e de recordar das narrativas aponta para um estreitamento de laços (cf. BAPTISTA, 2005) e um compromisso de hospitalidade genuíno, já que fica evidente a transcendência do senso comum de ser hospitaleiro.

Ao continuar o trajeto, chegando à Praça Juscelino Kubitschek, encontramos cinco assistidos, dos quais três já eram conhecidos pelos voluntários com quem estavam se reencontrando naquele momento. Um dos assistidos já havia ficado um tempo fora das ruas morando no bairro que alguns voluntários da Missão moravam, mas havia voltado para a rua. Ao se reencontrarem, ficaram extremamente contentes por vê-lo sóbrio. Dois dos agentes foram conversar com um assistido e sua parceira, que já pareciam amigos há bastante tempo. Interessante foi a disposição e o afeto de ambos ao se acolherem, estabelecendo, dessa forma, as bases da Pedagogia da Hospitalidade: estar com o outro, fazer com o outro e ser com o outro (PEREIRA; LOPES; 2020, p. 69). Logo, os agentes se sentaram no chão em cima dos cobertores dos assistidos e desenvolveram um diálogo genuíno. Era possível perceber a confiança de conversar sobre qualquer coisa, inclusive sobre as impressões sociais externas sobre eles; e sobre a presença significativa dos agentes.

Agente: (...) Aqui, é mais tranquilo, né?!

Assistida: É, mas é perigoso.

Assistido: É

Agente: Não parece.

Assistida: É... Agora. Mas depois que vocês vão embora. Rum.

Assistido: É...

Agente: As pessoas nem passam muito por aqui, né?! Muitos dizem que aqui é perigoso, porque veem vocês como ladrões. Só porque estão assim.

Assistida: Não, mas tem gente.

Assistido: Tem.

Agente: Mas tô falando do povo que fala de vocês.

Assistido: É. Não, porque assim, só porque a gente tá aqui, eles acham que a gente vai roubar.

Além disso, podemos perceber o compromisso com a emancipação dos assistidos quando eles falam a respeito da dependência química de um deles e os agentes procuram uma solução ao problema propondo um abrigo de recuperação ligado à Igreja Católica. Podemos perceber uma convivência alicerçada na confiança. Trata-se de um vínculo que vai além do assistencialismo: essa convivência busca uma emancipação efetiva do assistido. A ação dos agentes revela uma prática de cidadania ativa (cf. BAPTISTA, 2005), uma vez que há diálogo, partilha, ajuda mútua e compromisso com a vida humana.

Agente: Mas não é para ir pro Sabão, não, ein.

Assistida: Ih! (gargalhada). Tô indo lá não, tô indo no Estado.

A sua parceira sorri.

Agente: [chama pelo nome], olha. Você tem que tomar cuidado com isso. Por mais que você não venda e tals; mas há muitas pessoas ruins no mundo.

Parceira interrompe a fala balançando a cabeça confirmando e dizendo: É. Digo para ele.

Agente: Você aqui, nessa praça, tem que ter cuidado, e tals. Você é forte. Tem ela que não curte isso. (Ela confirma com a cabeça) Tenta sair. Construir uma vida com ela. Quer ir para um abrigo? A gente conhece vários “show”.

Assistido: Já fui.

Agente: São católicos.

Agente: São bons.

Assistido: Católicos. Não sei... (aparência de descrédito)

Agente: Pensa nisso. Próxima semana, você fala para a gente. Belê?!

Ao lado, os demais agentes conversavam com os outros assistidos. Quando estávamos nos retirando para seguirmos, fomos nos despedir deles também. Antes de partirmos, em alta voz, um dos assistidos disse que dia dezessete de agosto seria o aniversário dele. Imediatamente, os agentes disseram que levariam um bolo para ele na próxima missão; e, em tom de brincadeira, um dos agentes pediu que ficasse ali para que pudessem reencontrá-lo no dia do seu aniversário.

Agente: A gente vai trazer um bolo para o senhor.

Assistido: Tá bom.

Agente: É para estar aqui, viu?! Senão tiver... hum..., disse sorrindo.

Agente: É para estar aqui mesmo.

Agente: É para estar mesmo, porque se não tiver, vou brigar com o senhor, viu?!

No dia dezanove de agosto, o visitante que havia ido à missão anterior não foi, mas uma nova visitante apareceu. Nesse dia, fomos à nossa segunda visita ao grupo. Levaram o bolo para a comemoração do aniversário do assistido, como haviam prometido. Encontramos com os agentes pastorais no Terminal Rodoviário, participamos da oração inicial de entrega da missão aos santos

católicos São Francisco de Assis e Santa Clara de Assis, além da Santíssima Trindade. A partir daí, fomos em direção à Praça na qual havíamos o encontrado na missão passada. Embora ausente, a agente pastoral responsável por levar um bolo de chocolate, solicitou que os demais agentes levassem o lanche feito por ela.

Agente: Ooooooiiii... Chegamos.

Todos se abraçaram e se cumprimentaram.

Agente: Aqui, trouxemos o seu bolo, disse segurando o bolo.

Assistido: Muito obrigado! Deus abençoe! Muito obrigado mesmo.

Agente: Vamos cantar parabéns?!

Assistido: Vamos, sim! Chama o pessoal aí. (Ele falava dos mesmos assistidos que estavam na missão anterior).

O momento foi muito marcante. A ação de levar um bolo para comemorar juntos o aniversário de alguém que há tempos se encontra com a dignidade ferida, conformando-se com o desrespeito, o desprezo, o distanciamento dos outros iguais, é uma prática de “hospitalidade por excelência” (cf. BAPTISTA, 2005). Desse modo, diante de sorrisos, palavras de gratidão, de abraços, fomos embora deixando o refrigerante que não havia sido mexido e o restante do bolo para eles. No pouco, vimos a solidariedade e a fraternidade dos agentes para com os assistidos. O aniversariante aceita o lanche pensando em dividir com outros para comerem antes de dormir ou no café da manhã, já que conseguir comida pela manhã oscila entre o fácil e o impossível.

Agente: Vamos deixar aqui com o senhor, tá?!

Assistido: Pode deixar, a gente come mais tarde e, dependendo, até amanhã de manhã.

Em nossa terceira visita, havia três voluntários fixos e a visitante havia voltado, como dito acima. Como estavam em número reduzido e um deles precisava sair mais cedo, dividiram-se e foram dois em direção à Praça Juscelino Kubitschek e dois seguiram até a rua São João, também no centro de Niterói, para que terminassem rápido e voltassem todos juntos por motivos de segurança. Seguimos com os que foram em direção à rua São João, para conhecermos mais assistidos.

Ao chegarmos próximo à Catedral Metropolitana São João Batista, encontramos uma assistida deitada em sua “burrinha” com sua cachorrinha Pitica. As duas estavam enroladas em lençóis. Os voluntários já as conheciam e logo as abordaram com muito cuidado para não as assustarem. Deram o lanche à assistida e começam a conversar sobre assuntos do dia a dia. Embora muito sonolenta, a assistida mostra para nós o cuidado com o seu animal de estimação e com os agentes, já que ela os trata com muito afeto.

A partir daí, percebemos, novamente, uma ação embasada na alteridade que visa colaborar com a emancipação da assistida:

Agente: Você sabe ler?, chamando-a pelo nome.

Assistida: Pouco.

Agente: Cê queria aprender?

Assistida: Queria. Mas é que...

Agente: A gente pode te ensinar.

Assistida: Meu bem, mas é que...

Agente: Aqui, ó, ela é professora de Português...

Assistida: Mas é que eu não consigo lembrar bem das coisas. Eu...

Agente: Por quê?

Assistida: Eu tive um negócio na cabeça, não sei... derrame...

A agente fica olhando fixamente para a assistida 7.

Agente: Entendi. Mas você não consegue lembrar mesmo?

Assistida: Assim... um pouco... eu consigo...

Agente: Entendo... então, a gente vai se organizar para ver isso... próxima vez que a gente vier, a gente te dá uma resposta, tá?!

Assistida: Tá bom.

Agente: Vamos fazer uma oração?

Assistida: Vamos, aceita sorrindo.

É interessante esse diálogo, porque vemos como os agentes buscam soluções conjuntas com a assistida. Propuseram uma prática de alfabetização, o que seria difícil realizar na rua, mas considerando que a Biblioteca Municipal e o Centro de Referência Especializado para Pessoas em Situação de Rua (Centro POP) ficam próximos à rua que a assistida costumava ficar, seria possível, já que esse grupo busca trabalhar em rede. Ademais, eles propõem uma oração. Essa última proposta carrega em si uma marca de convivência feita com base no respeito, diálogo e afeto, em uma lógica de hospitalidade, como afirma Baptista (2005), uma vez que não se impõe um credo, mas se constrói uma prece conjunta a partir da espiritualidade de cada um – embora eles soubessem que a assistida cria nos mesmos intercessores católicos que eles.

No dia três de novembro, voltamos às ruas com a missão. Nesse dia, encontravam-se apenas dois agentes, os quais levavam pães para a festa do Dia das Crianças que estava sendo realizada no Prédio da Caixa em conjunto com outros grupos que fazem o mesmo trabalho. Encontramos os dois voluntários no Terminal Rodoviário e fomos em direção ao local. No caminho, encontramos dois assistidos, um deles era conhecido de longa data de um dos agentes, mas como eles estavam atrasados para a comemoração, não deram tanta atenção aos assistidos. Nessa ação, foi possível perceber a frustração da parte do assistido, que demonstrava saudade e vontade de conversar e apresentar o novo amigo, e dos agentes por não conseguirem dar conta da atenção singular a todo o momento. Esse conflito não deve ser visto como um grande problema. Baptista (2005) chama a atenção para o conflito como inerente ao processo de construção de práticas educativas, socioeducativas e de convivências, no geral, e como possibilitador de desenvolvimento dos envolvidos no processo, isto é, faz parte e deve ser bem mediado.

Chegando ao destino, os agentes foram bem recebidos pelas crianças que brincavam, um deles estava fazendo aniversário e as crianças sabiam, logo o parabenizaram, abraçaram-no; uma recepção muito hospitaleira. Infelizmente, a festa já havia acabado. Um dos voluntários que já estava lá preparou os cachorros-quentes e serviu. Nesse dia, percebemos a visão diferenciada dos missionários sobre os assistidos.

Agente: Vai comer um cachorro-quente.

Agente: Quero não.

Agente: Come sim. É para se “fazer um” com eles. Se mostrar igual.

Agente: Tá. Já vou.

Durante todas as missões, eles sempre falavam sobre “se fazer um com eles”, que era importante “se mostrar igual”, se apresentar como “amigos”. Nesse dia, percebemos esse discurso sendo cobrado entre si e sendo posto em prática – embora eles já tivessem feito isso em outros momentos, quando se sentavam e comiam juntos, por exemplo. A preocupação que os agentes tinham de se mostrarem como iguais, e não como diferentes por serem os que estavam proporcionando naquele momento um lanche, é uma prática de “alteridade por excelência” também, como afirma Baptista (2005). A todo momento, eles se preocupavam em não permitir que os assistidos se sentissem constrangidos por estarem em situação de vulnerabilidade social. Em todo instante, via-se os voluntários se mostrando iguais. Eles faziam isso com tanta frequência, naturalidade e simplicidade que costumavam ser confundidos por outros grupos quando estes iam fazer abordagens na rua, ou seja, o “outro” que está à margem é igual a mim enquanto humano, só está em situação de vulnerabilidade, e como igual, devo ter o comprometimento de juntos pensar estratégias emancipatórias, claro, respeitando o tempo e a decisão de cada um.

A nossa última ida às ruas com a Missão foi no dia 23 de dezembro, na qual foi feita uma ceia natalina em conjunto com os mesmos grupos que haviam se reunidos para a festa do Dia das Crianças. Essa ceia foi realizada no Prédio da Caixa por sua localização mais central e por dar um suporte melhor para a organização. Com o encerramento do ano, a Missão e demais grupos organizadores estruturaram uma confraternização com um espírito de advento. Em termos de celebração religiosa, havia alguns líderes de religiões diferentes conduzindo o momento de espiritualidade antes da ceia. Logo após, como entretenimento e participação ativa dos assistidos, os agentes montaram uma pequena peça de teatro improvisada para contar a história do nascimento de Jesus. Essa pequena atividade revelou a cumplicidade, a confiança, a felicidade e a amizade construída durante o ano. Isso desfaz uma possível percepção equivocada de que os agentes são os únicos a realizarem a ação, mostrando que os assistidos têm autonomia e fazem parte da ação solidária, porque a atividade é de todos e para todos.

Logo após a peça teatral, ocorreu o momento da ceia, na qual se mostra, novamente, o “ser um”: os agentes servem os assistidos e, depois, sentam-se junto a eles para comer. Em seguida, o Papai Noel aparece e a distribuição de presentes acontece. Nessa atividade, os agentes aproveitam e ensinam sobre justiça, respeito, organização, divisão e sobre a importância de não mentir, já que muitos deles apresentavam comportamentos contrários, a fim de conseguir mais presentes. Uma vez reeducada a visão dos agentes sobre quem é o “outro” assistido, começa a reeducação da visão dos assistidos sobre os outros para que se chegue à cultura de paz, a qual busca romper com o egoísmo e com as injustiças, como afirma Baptista (2005).

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS PARA REFLETIR

Sendo assim, portanto, o relato exposto e as reflexões teóricas que o fundamentam são pertinentes para conduzir uma reflexão sobre as práticas educativas em espaços não escolares. Acredita-se que as pontuações colocadas aqui não nos guiem diretamente para respostas simples

e objetivas, mas para perguntas desencadeadoras de outras. Percebe-se que não há uma fórmula exata e que esses questionamentos levam a outros que, inclusive, precisam ser feitos a respeito da figura desse educador social analisado.

Em nossas pesquisas, observamos a necessidade de um diálogo sobre a formação continuada para educadores que atuam tanto no ambiente escolar quanto fora dele. Assim sendo, notamos a universidade como uma possível mediadora dessas discussões através do Ensino, da Pesquisa e da Extensão Universitária. Com isso, não se pretende deslegitimar a ação do educador social que está diretamente ligado à universidade, inclusive, é desejável a presença destes neste espaço que também pertence a eles. Portanto, o ponto de nossa provocação está no fato de que educadores sociais precisam estar revestidos de ferramentas teóricas e práticas para intervir nesses espaços. Uma possibilidade de subsídio teórico-prático é a Pedagogia da Hospitalidade, essencial para pensarmos as relações de alteridade.

De fato, as pesquisas realizadas a partir da investigação do GEPE Fora da Sala de Aula – FFP/UERJ buscam entender esses comportamentos das práticas educativas não escolares organizados por esses grupos no Leste Fluminense. O grupo estudado e relatado neste artigo (Missão Católica Discípulos de Assis) é apenas um caso exemplar de muitos outros grupos da sociedade civil, religiosos ou não, que se apresenta de forma espontânea para desenvolver atividade socioeducacionais com as populações empobrecidas. Entender os seus objetivos, suas organizações, suas relações e suas ações estabelecidas, podem nos ajudar a compreender as dinâmicas socioeducacionais espontâneas que surgem entre os indivíduos da sociedade civil. E, a partir desses resultados, esse projeto de extensão pode promover cursos de extensão universitária que auxiliam na formação dos educadores sociais da região metropolitana, assim como dos futuros docentes da própria universidade, para exercerem, como dito anteriormente, sua docência em ambientes não escolares.

Em nossa análise, podemos observar um elemento clássico das relações socioeducativas: o educador idealiza uma maneira de conceber a prática socioeducativa, mas dentro de uma sociedade que traz entres suas características, a coexistência das múltiplas vivências e heranças culturais. E essa mesma coexistência exige do educador um compromisso atrelado à "responsabilidade do herdeiro". Sobre isso, Baptista afirma: "Julgamos que é aí que reside uma das grandes tarefas da ética e da educação, a de promover o respeito em relação ao que nos pré-existe, ao que nos é dado e transmitido-ensinado." (BAPTISTA, 2005, p. 36). Desse modo, o respeito pela dimensão cultural e social que há em cada indivíduo começa pelo modo como o valorizamos na prática educativa, potencializando, dessa forma, as relações, e valorizando o educando juntamente com sua memória e vivência, no que se refere à educabilidade. Por isso, é necessário planejar, mas também é necessário replanejar, repensar, reaprender. Assim, pensa-se a universidade como um espaço possível para essa formação do educador social por meio de cursos e práticas extensionistas. Desse modo, portanto, não se espera dessa teoria uma receita a ser seguida, mas uma reflexão a ser gerada: o que o educador social que atua em espaços não escolares deve ensinar?

Não estamos propondo um maniqueísmo educacional. Todavia, o caminho desejável é o do respeito, o da escuta, o do compromisso, o da liberdade e o da convivência. Assim sendo, a Pedagogia da Hospitalidade se tornou um viés interessante para a nossa conduta enquanto educadores-extensionistas. É ela quem tem norteado nossas ações e de outros educadores sociais

que procuram caminhar nessa perspectiva, mas essa discussão (e outras) deve estar no seio dos cursos de licenciaturas e na formação inicial e continuada de educadores que pretendam atuar, ou não, em espaços não escolares.

Enquanto a pauta não ganha escopo acadêmico, ações socioeducativas como as da Missão Católica Discípulos de Assis e as possíveis parcerias com as universidades na forma da extensão contribuem para os estudos e discussões sobre a temática. Dessa forma, elas atravessam os educandos de alguma maneira, mas também os educadores e os pesquisadores, pois essa experiência nos inclina para ações efetivas que tornam a educação autônoma, efetiva e democrática. Uma educação para a paz e para a hospitalidade em contextos difíceis é urgente.

REFERÊNCIAS

- BAPTISTA, Isabel. **Dar rosto ao Futuro: A educação como compromisso ético**. Porto: Profedições, 2005.
- BAPTISTA, Isabel. Hospitalidade e eleição intersubjectiva: sobre o espírito que guarda os lugares. **Revista Hospitalidade**. São Paulo, ano V, n. 2, p. 5-14, jul.- dez., 2008.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CP no 02/2015, de 1º de julho de 2015**. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada. Brasília, Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, seção 1, n. 124, p. 8-12, 02 de julho de 2015.
- BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9.394/96.
- DEPRAZ, Natalie. **Comprender Husserl**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- FERREIRA, Arthur Vianna. O uso da fenomenologia nas práticas de estágio supervisionado para licenciaturas. **Rev. Brasileira de Ensino Superior**. Passo Fundo, v. 1, n. 2, p. 5-14, 2015.
- FERREIRA, Arthur Vianna. Transpor muros para abrir universidades: as práticas extensionistas e a visibilidade da pobreza em pesquisas na formação docente no ensino superior. In: FERREIRA, Arthur Vianna; LOPES, Lucas Salgueiro; DIAS, Thiago Simão. **Fora da Sala de Aula: formação docente e pesquisas sobre pobreza e educação**. 1 ed. Rio de Janeiro: Autografia, p. 13-48, 2019.
- HUSSERL, Edmund. **Investigações Lógicas**. São Paulo: Abril Cultural, 1975.
- JARES, Xésus. **Educar para a paz em tempos difíceis**. São Paulo: Pala Athenas, 2007.
- LÉVINAS, Emmanuel. **Totalidade e infinito: ensaio sobre a exterioridade**. Lisboa: Edições 70, 1980.

PEREIRA, Débora Simeão Ortman; LOPES, Lucas Salgueiro. Conviver requer hospitalidade: pensando modelos de práticas socioeducativas a partir dos diálogos entre as Pedagogias da Hospitalidade e da Convivência. In: FERREIRA, Arthur Vianna; LOPES, Lucas Salgueiro; DIAS, Thiago Simão. **Educação, hospitalidade e pobreza**. Rio de Janeiro: Autografia, p. 65-79, 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A universidade no século XXI**: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2004.

SIVERES, Luiz. *A Extensão Universitária como um Princípio de Aprendizagem*. 1 ed. Brasília: Liber Livro, 2013.

SIVERES, Luiz; MELO, Paulo Giovanni Rodrigues de. A pedagogia da hospitalidade a partir da filosofia da alteridade em Levinás. **Conjectura: Filosofia e Educação (UCS)**, v. 17, p. 34-48, 2012.

SOUSA, Ana Luiza Lima. **A história da extensão universitária**. Campinas: Editora Alínea, 2010.

Recebido em: 09 de março de 2023

Aprovado em: 19 de junho de 2023